

Stadium

N.º 74 * 3 DE MAIO DE 1944

ESPIRITO SANTO

internacional, jogador popularíssimo e excelente atleta, que voltou aos campos de futebol refeito da sua prolongada doença

(foto Nunes de Almeida)



A surpresa do jôgo do Benfica

ENQUANTO SE AGUARDA A 2.^a MÃO DOS QUARTOS DE FINAL

por TAVARES DA SILVA

Os campeonatos a eliminar dependem muito daquilo que o sorteio dá. O perigo, em semelhantes torneios, vai todo para os clubes grandes. Porque os modestos só têm a lucrar... Basta que a sorte os favoreça para poderem ir longe. De resto, este factor transforma os grupos. Não conhecemos melhor tonificador de *teams* do que uma vitória no momento oportuno. Os grupos transformam-se, então, ao sabor da fortuna inesperada, descobrindo forças que para eles próprios eram ignoradas.

Em toda a parte, este género de provas goza grande prestígio — e ainda o favor do público. Tem um encanto particular e a sedução do irremediável. Certo, as duas mãos em cada eliminação diminuem muito as chamadas surpresas. Mesmo assim, nenhum outro torneio, mesmo entre nós, se presta ao inesperado como a «Taça de Portugal», com que finda o programa futebolístico de 1943-44.

Veja-se esta desconcertante vitória do Estoril Praia, relativamente ao Futebol Clube do Pôrto, depois d'êste ter eliminado o campeão de Portugal! Ainda todos os resultados — nas Salésias, no Fintela e na Arregaça, dando mais probabilidades a alguns dos concorrentes, mas conservando a espada suspensa sobre todos.

Pelo novo — e já velho — sistema das eliminatórias em duas mãos, nenhum dos oito concorrentes poderá estar nesta altura descansado, pois a vantagem conseguida não é de molde a deixar as coisas correrem ao acaso. Os trabalhos nascem debaixo dos pés.

Os resultados da 1.^a mão dos quartos, são os seguintes:

Salésias: Belenenses 1-Benfica 2. Lima: Pôrto 2-Estoril 3. Fintela: Académica 3-Vitória (Setúbal) 1. Arregaça: União 1-Vitória (Guimarães) 1.

Os números indicam que Benfica, Estoril Praia, Vitória (Guimarães) e Académica se encontram em melhor posição, sobretudo os três primeiros, a quem cabe receber agora o adversário — com a recepção característica do ferro em brasa.

Ainda que seja d'êste modo, não há um adepto sem apreensões. Mesmo os mais optimistas... A verdade é que o Pôrto poderá perfeitamente recuperar o perdido, mesmo contando com o *handicap* de ser agora o visitante, o mesmo se podendo afirmar do Belenenses. O mais firme, dados os valores em causa, parece ser o Vitória (Guimarães), que começará a jogar em Benlhevai em igualdade de circunstâncias; mas com a notável base da pressão do público. Por sua vez, a Académica terá de submeter-se a dura prova no campo dos Arcos. Quere dizer — a luta está muito indecisa.

Como apontamento final desta introdução, deve afirmar-se que, de modo geral, os grupos não acusaram o fim de época, jogando com energia e garbo que admira e não deixa de agradar, entusiasmando. Há razões, por consequência, para continuarmos a ser optimistas, sob o ponto de vista do futebol português — seu valor e seu nível.

O desafio Belenenses-Benfica foi um soberbo espectáculo — e reportamo-nos tão somente ao seu valor como futebol, no fundo o que se encontra em causa.

Costuma dizer-se, algumas vezes, que os profissionais do futebol não jogam como os amadores, porque d'êstes é símbolo a ideia de sacrificio, e n'aqueles vive sempre o pensamento da economia de energias, não se afoitando, em consequência, nos lances decisivos. O encontro das Salésias foge a tal ideia geral, o que não significa que a excepção não confirme a regra. É impossível exigir mais aos jogadores — tanto aos que jogaram bem como aos que estiveram em tarde menos feliz. Com o sol ardente e a época adiantada, os chamados profissionais (alguns d'êles só no nome) deram-se ao jôgo com a alma e o coração do amator puro. Este magnífico

esfôrço desportivo transformou-se na grande qualidade do encontro, perdendo todas as faltas e fazendo esquecer todos os defeitos.

O Belenenses — e isto representa já outro aspecto — não deu a sua melhor medida, nem sequer deu a sua medida... Mas isso não o diminui nada, significando apenas que o adversário, dada a igualdade de valor, se encontrava em tarde excepcional.

Os inimigos do sistema de marcação, isto é, do futebol estudado e resolvido como jôgo científico, deviam estar nas Salésias para verem, na prática, a supremacia do jôgo de marcação sobre o improvisado. Não foi somente o Belenenses que não atingiu grande nível. Isso aconteceu porque o Benfica não consentiu que o jôgo do adversário se desenvolvesse em condições de perigo.

Muitas vezes temos dito que, na apreciação a um grupo, ou ao seu trabalho, se deve ter em conta a tarefa do outro contendor. É fácil jogar contra um adversário que se deixa manobrar ou subjugar. Já nos parece difficilimo jogar

raras equipas nacionais conseguem, sendo caso para fazer subir a bandeira no mastro real.

Por fortuna, a linha avançada benfiquense, constituída com rapazes pouco corpulentos mas grandes dominadores da bola, produziu jogadas e movimentos correspondendo ao nível da parte restante do conjunto, já posta em evidência.

O mesmo não succedeu no Belenenses, cuja formação dianteira actuou fragmentada, desunida, de tal modo que os seus elementos nunca se entenderam. Esse desentendimento reflectiu-se na linha média, em virtude do mau sitio dos interiores, e, em última análise, na parelha defensiva, desconexa, embrulhada.

Apesar disso, o Benfica venceu pela diferença de uma bola — e isso só prova que o jôgo é jôgo, não bastando que um *team* domine o outro, mas importando, igualmente, e muito, fazer *goals*. E nem se deverá nesta hipótese fazer apêlo ao mal tradicional do nosso futebol, a falta de remate, porque a verdade é que os avançados benfiquenses tentaram furar as rédes em muitas circunstâncias, não dando resultado o seu intento por causas fortuitas. Não se pode ter um aferidor nos pés. Muitas vezes não se sabe porque se fazem *goals* com tanta facilidade (vide *goal* de Quaresma), outros mal se concebe como as bolas custam tanto a entrar...

Na apreciação de unidade para unidade, devemos afirmar que César Ferreira conseguiu o plano da grande figura do encontro. Não nos recorda ter visto jogar melhor a defesa, na época que decorre. Com atenção, escolha do melhor sitio, desembaraço e agilidade, e ainda com invulgar força de pontapé, que são dignas de registo. E isto afigura-se-nos tanto mais justo pôr em relêvo quanto é certo que a critica se referiu, durante a temporada, desagradavelmente, por vezes, ao trabalho do conhecido jogador, que vibra sob a camisola vermelha.

Outro pormenor a pôr em relêvo consiste no rendimento dado pelos novos da equipa triunfadora. Referimo-nos a Carvalho, João Silva e Arsénio, que se comportaram esplendidamente, continuando a tradição que nos diz que a mística do Benfica é uma espécie de «varinha mágica» para fazer jogadas...

Cite-se ainda o *goal* de Julinho, pletórico de vibração, denunciador de rara agilidade e sentido de oportunidade, que conseguiu erguer-nos do lugar, obrigando ao aplauso. Há quem diga que o futebol domina — por nos dar exactamente momentos de tão grande beleza e emoção. Para o fim, uma nota destacada para Espírito Santo, cujo futebol tem sempre a marca de quem sabe jogar, pois a bola é dada geralmente, e muitas vezes, rasteira, para o companheiro em melhores condições. Nada de centros, nem de bolar para o ar. Em síntese, devemos afirmar, para dar a ideia do que se pretende, que o interior Teixeira nos pareceu, objectivamente, quanto às Salésias, o avançado de menor valia.

Os belenenses apresentaram-se com vontade. Quando assim acontece — nada a dizer que diminua o prestígio dos homens. Um jogador não pode jogar sempre bem. Se isto fosse possível — os grandes da bola jamais teriam uma tarde má. Muitas vezes — querem, e não podem, porque não encontram o devido sitio em campo, porque a passagem sai mal feita e porque todos os pormenores se viram contra eles, desde o efeito da bola a uma pedrinha que por acaso se encontra no campo...

Seria descer de Amaro, que teima em agarrar-se à bola como os cogumelos ao pinheiro, e de Gomes, d'êste completamente, se rapazes que já prestaram as suas provas fizessem muitas vezes exhibições tão inferiores. Seria esquecer o passado. Já Vasco de Oliveira — um elemento com ricas qualidades, a quem apenas falta saber jogar futebol, pelo menos alguma coisa do jôgo — se deve desculpar, nos seus defeitos e fraquezas, até como incentivo para melhor trabalho futuro. Em Portugal são pouco vulgares os avançados-centro com a estatura de Vasco de Oliveira que, aliás, dá muito nas vistas, tendo, portanto, conveniências e inconveniências. Em Espanha — são vulgares. Desde Monjardin a Elicegui, aos actuais Mundo e Martín, há uma infinidade d'êstes *centros*, verdadeiros arietes ou cunhas, que, além de remate portentoso, conseguem desbaratar a defesa e atravessá-la, pelo seu péso, vigor e destreza. Porque não insistir — portanto? De resto, o exemplo de Peyroteo não nos parece de desanimar.

Como complemento, afirmemos que a arbitragem de Carlos Canuto pertence ao número daqueles trabalhos que nos satisfazem inteiramente,



— se o antagonista luta com ânimo logo que começa a jogada, aumentando esse ardor à medida que o lance se vai desenvolvendo.

É assim mesmo. O Benfica fechou hermeticamente as suas portas. Por qualquer sitio que o Belenenses quizesse passar — não o conseguiria. Homem sobre homem — olhos abertos em todos os momentos. Defesas unidas aos médios e um sistema defensivo de barreira. Sentia-se no campo, com impressionante verdade, a impossibilidade do triunfo belenense, dada essa vigilância ou a perfeição do método aplicado. Porque os desafios não se ganham somente marcando bolas, mas fazendo também com que os adversários não consigam marcá-las...

E de objectar que o Benfica nem sempre conseguirá praticar a marcação com a mestria das Salésias, por não ser vulgar ver-se em Portugal duas linhas, a defensiva e a média, actuarem com tão grande felicidade. Sem dúvida! Por isso mesmo, o Benfica também perde — mas, quando ganha, é com uma beleza que

O UNIDOS JÁ É CAMPEÃO DE LISBOA

As duas jornadas do termo da prova regional, o Unidos pode ser já considerado campeão. É a primeira vez que o nome do clube se inscreve na lista dos vencedores, mas ninguém lhe negará merecimento para tal, numa das melhores temporadas do «handball» lisboeta.

Depois do seu meio fracasso de há oito dias, o grupo do Unidos foi jogar ao Estoril mais consciente das suas responsabilidades e conseguiu alcançar, sobre a equipa da casa, uma vitória expressiva e cujos números respondem, sem necessidade de explicações, pelo interesse e animação da partida: 12-6.

Admitindo que as duas linhas avançadas tenham ambas agido em ritmo de excepcional inspiração, é forçado reconhecer-se que as defesas foram demasiado frágeis e o trabalho dos guarda-redes, só para recolher a bola no fundo da portaria, foi extenuante.

Jogaram-se em Lisboa mais três encontros: um, que não tem história, foi aquêle em que o Sporting bateu o Internacional por 14-0; outro, indeciso até dez minutos do fim, resolveu-se afinal por vantagem distanciada de «Os Treze» sobre o Marvilense, por 6-3; o último, mais reñido, decidiu-se, no minuto derradeiro, a favor do Belenenses, que conseguiu vencer o Benfica por 4-3, mercê de uma grande penalidade rigorosa, a compensar outra idêntica concedida precedentemente ao adversário.

O jogo entre «Os Treze» e o Marvilense teve excelente primeira parte, mas mudou por completo depois do intervalo; os jogadores começaram insistindo nas jogadas pessoais, que sempre provocam o choque com o adversário, e a dureza apareceu, mal reprimida pelo árbitro. Neste pormenor, parece-nos estranho que passassem em claro as entradas de alguns homens de Marvila, com o braço estendido, a ceifar o pescoço do antagonista, ou descendo de alto a baixo, as quais devem, em rigor, ser consideradas como autênticas agressões.

A partida do Campo Grande, com ambos os grupos desfalcados de titulares, valeu pouco e é bem traduzida pela vitória escassa do Belenenses; a equipa mostrou-se mais ao ataque, mas nunca teve talento para aproveitar a fraqueza da parelha defensiva contrária, dura mas de pouca mobilidade.

Ao cabo de mais esta ronda, a posição do Sporting para o almejado segundo lugar da classificação melhorou aparentemente, porque o Estoril desceu e leva agora os mesmos três pontos de atraso do Belenenses. Mas os «leões» têm dois «ossos» na frente e é-lhes indispensável, pelo menos, uma vitória: contra o Belenenses, no domingo, ou contra o Unidos, na jornada de encerramento. A expectativa pelos resultados do campeonato manter-se-á, assim, até ao último dia de prova.

ESSECE

tão grande compreensão demonstram das Regras e tão perfeito entendimento do Jogo. Também nos satisfez o seu critério de julgamento de cargas, deixando cada um servir-se livremente do corpo. Vai-se abastardando de tal modo o futebol português, no que respeita a virilidade ou força física, por efeitos de arbitragens que não sabem distinguir o permitido daquilo que é proibido, que sabe bem um modelo de arbitragem como a de Canuto. Mesmo porque, quando recommencaram os encontros internacionais, muito vão estranhar os jogadores portugueses, todos, de modo geral, e especialmente os guarda-redes, que, em qualquer choque com o adversário, ou parram com a bola agarrada, ou se deitam para o chão rebolando-se com dores — que têm e que não têm.

O Estoril Praia trilha caminho seguro. Seja qual for o seu futuro na prova, não há dúvida que este triunfo sobre o Pôrto é daqueles que honram um clube, e tanto mais quanto é certo não resultar do simples acaso do futebol, mas de jogo consciente e medido com características de ataque.

É mesmo o que desnortheia. Quando tudo levava a crer que o Estoril desempenhasse um papel decisivo para, oito dias mais tarde, se dar ao gósto do esforço *révanchar*, cilo que

No campeonato nacional

os representantes de Lisboa e Coimbra seguem à frente da classificação

MAIS uma vez os representantes do Pôrto foram infelizes. Na segunda jornada, o Vasco da Gama perdeu com o Conimbricense, no campo do Fluvial, por 35-33, e o F. C. do Pôrto foi batido pelo Belenenses, em Lisboa, por 46-31. Quanto ao campeão lisboeta — o Carnide, derrotou o Unidos, na Boavista, por 53-39.

Marcaram-se nesta jornada 237 pontos, mais 37 do que na anterior, o que dá a média de 79 por jornada e 39 por grupo.

É interessante a classificação dos grupos da capital. O Carnide preenche o primeiro lugar, de parçaria com os campeões de Coimbra, e Belenenses e Unidos na posição intermédia. Também encerra interesse a luta que o Sporting travará, com os outros dois importantes centros desportivos, para se manter na posição de relêvo agora ocupada, e a dos grupos nortenhos, em especial o Vasco da Gama, para fugirem a um lugar que não se coaduna com as suas possibilidades.

Têcnicamente, a partida Carnide-Unidos foi inferior à que estes grupos disputaram para o campeonato regional. Os unionistas foram uma sombra da equipa que venceu tão brilhantemente o Vasco da Gama. Sem mostrar sentido de ataque e com uma defesa exausta por trabalho contínuo, agravada com a saída de Almeida, por ter atingido as 4 faltas, não responderam os «verde-brancos» às esperanças que nêles se depositavam como grupo capaz de oferecer partida agradável com os campeões nacionais. O esforço de Carlos Fernandes, no primeiro tempo, e o de Arlindo, no segundo, não tiveram seqüência por parte dos seus companheiros, vivendo a equipa quasi que dos esforços isolados de um ou de outro elemento. A falta de espírito de equipa mais uma vez se verificou no grupo do Unidos, e a substituição de Gil por Luz, que tão bom resultado deu no desafio da primeira jornada, foi insuficiente para debelar o mal.

A vitória do Carnide deve-se imputar ao excelente trabalho da sua defesa. Souto e Mendes formaram uma barreira intransponível. À qual se deve juntar a actuação consciente, sem os malabarismos habituais, de João Cruz, cuja ajuda foi proveitosíssima. Elemento eficaz na defesa e habilidoso no ataque, acumula ainda o de óptimo marcador: 20 dos pontos obtidos foram de sua autoria. A moral foi mais uma vez o fulcro dos campeões, quer também ajudando a defesa nos momentos de apuro, quer galgando o terreno na sua forma característica, sabendo colocar a bola no companheiro melhor situado para a lançar. Camilo secundou bem este con-

surge no Lima decidido à ameaça constante, mostrando mérito, e, mais do que isso, uma decisão de ataque, que muito surpreende e impressiona.

Talvez que a falta do titular nas rédes do Pôrto seja a razão justificativa dessa decisão, e do firme espírito de ataque que animou a equipa. Mesmo que assim seja, ante um grupo que está a crescer gradualmente, parece-nos indiscutível que o representante lisboeta se comportasse magnificamente. Faltam-nos, de resto, elementos para um juízo mais seguro do encontro do Lima.

Os encontros de Viseu e de Coimbra decorreram sem sobressaltos. Tudo — natural. É de frisar, no entanto, apesar da derrota, o entusiasmo da gente de Setúbal, lutando de princípio ao fim com persistência e vontade de não perder as ilusões...

Enfim, daqui a dias disputa-se a segunda mão, vivendo os oito concorrentes, por enquanto, ainda de ilusões. Uns têm os seus dias contados — mesmo sem o saberem. Outros serão afortunados pelo sorteio de segunda-feira próxima. Aos poucos, o número de bolas — aumenta nos caçifos... Que não fora o interesse financeiro — e todos os clubes desejariam já, com um só que derrota quem joga e quem não joga, a paz do defeso!

junto, traduzindo a sua produtividade em 16 pontos marcados, alguns dos quais dignos de especiais aplausos.

No campo do Ateneu jogaram as equipas do Belenenses e do F. C. do Pôrto. Contavam ambas uma derrota nos jogos da primeira jornada.

Foi feliz o grupo de Belém, especialmente no segundo tempo, em que tudo lhe correu favoravelmente.

Sem grandes alardes técnicos, jogado mesmo com certa precipitação, o primeiro tempo deste encontro pouca emoção ofereceu, a não ser no período em que o Pôrto exerceu domínio acentuado, exibindo excelente jogo prático, capítulo em que de facto foram superiores aos lisboetas. Por tal motivo, os 3 pontos de diferença com que terminou este tempo, foi o resultado natural, senão um pouco lisongeiro para os «azuis». No entanto, o trabalho do Belenenses, no segundo tempo, mereceu amplamente o prémio da vitória. A acção de Natálio e a reentrada de Ceia deram ao seu ataque todo o sentido prático que se podia esperar.

Da equipa do Pôrto merece especial menção o defesa Pires, jogador de excepcionais qualidades para a prática do «basketball», excelente no seu lugar e esforçado no ataque. Saltando bem, agarrando a bola com segurança e passando-a para o melhor sítio, a sua intuição é rápida e latente, merecendo portanto todos os elogios que lhe têm tecido como o jogador mais em evidência na rejuvenescida equipa nortenha.

Frizou-se, na primeira jornada, a falta de aproveitamento, nos lances livres, que o F. C. do Pôrto mostrou no encontro com o Carnide. É um facto: dos 17 livres que o Belenenses sofreu, incluindo os anulados, só 5 foram transformados pelos nortenhos. Mas... sirva-lhes de compensação o Belenenses, que de 25 que marcou só 10 passaram o cesto... — J. A.

Deve ter constituído surpresa para quasi todos a derrota registada pelo Vasco da Gama, jogando na sua terra, em face dos campeões de Coimbra.

Uma alteração na equipa portuense, justamente quando ela vencida, deu o fracasso dos vascainos. E já um aforismo em desporto que uma turma que está a vencer ou acusa uma subida de moral não deve ser alterada. Pode não ter sido essa a razão fundamental, mas a verdade é que a marcha da pontuação demonstra que assim aconteceu. De ambas as vezes que Alexandre substituiu Dili, o Vasco «desnivelou» e passou a encostar menos. Não queremos, com este comentário, reduzir o valor de Alexandre; apontamos unicamente um facto.

Os conimbricenses foram os primeiros a marcar, fazendo três «cestos», mas os locais conseguiram estar a vencer por 12-8. O equilíbrio surgiu a seguir, para no final se igualar o resultado. No 3.º tempo os vascainos, com a formação primitiva, voltaram a dominar, e a pontuação começou de acentuar-se a seu favor. Os lançamentos eram proficuos e o resultado esteve em 32-25. Depois, veio a recuperação dos rapazes da Lusa Atenas que, a golpes de energia, reduziram a diferença para um ponto: 32-31. A um «livre» do Vasco, responderam os adversários com mais dois «cestos», e o resultado estava feito: 35-33.

César, do Conimbricense, embora lutando contra o seu antigo clube, foi esforçado, demonstrando estar de posse de todas as suas qualidades. E um avançado de respeito, bem acompanhado por Baeta, que foi o grande «encastador». Os restantes elementos não desnivelaram. No Vasco, Dili, Pina e a parelha defensiva foram superiores. Dias Leite bom a rematar. — M. A.

Quando da sua última visita a Lisboa, a equipa do Vasco da Gama teve a gentileza de nos enviar um expressivo telegrama de saudações, as quais agradecemos e retribuimos com os nossos melhores votos de prosperidades.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

NO PORTO: 1—Na homenagem do Académico F. C. aos seus atletas vencedores de diversas provas de patinagem, «Taca de Honra» e campeonatos regionais na categoria de reservas; 2 e 3—As classes de ginástica masculina e feminina que tomaram parte no último sarau do Sport Clube do Porto. **EM ALMADA:** 4—O nosso colaborador aplausos, na Carreira proferindo a palestra que efectuou, com calorosos aplausos, na Academia Almadense. **EM LISBOA:**—Na visita dos jornalistas ao Atlético Clube de Portugal, a convite dos seus corpos gerentes: 5—Os engenheiros Travassos Valdez, autor do projecto do futuro estádio, e Faiva e Silva, Jaime Franco e A. Lopes Esteves, presidentes, respectivamente, da direcção, assembleia geral e conselho fiscal, prestam esclarecimentos ao redactor da «Stadium»; 6—Aspecto da recepção aos jornalistas.



2



3



6

4

OS CAMPEONATOS UNIVERSITARIOS

de **HANDBALL** e de **RUGBY**

Notas e comentários por Salazar Carreira

O «handball» foi incluído nos Jogos Universitários de 1944 e os organizadores podem rejubilar com a sua iniciativa, porque apesar de serem apenas quatro as equipas inscritas, os jogos decorreram todos com grande animação e foi muito apreciável o nível técnico de alguns d'êles.

O que se nos afigura mais interessante de realçar é a circunstância de haverem alinhado nos grupos académicos muitos rapazes que não praticam a modalidade nas competições clubistas, alguns dos quais mostraram apreciáveis condições e bom sentido prático do jogo. Isto demonstra que o «handball» possui inúmeros possíveis praticantes afastados da sua actividade, quando se verifica, na maioria dos clubes, necessidade instantânea de renovação.

O torneio universitário correspondeu a óptima propaganda da modalidade, que bem precisa de alargar o seu âmbito de acção; o êxito fez-nos lembrar a conveniência de divulgar a sua prática entre os novos, que associaria, ao benefício de afastar uns tantos das tentações do futebol — cond-níveis ante os mais elementares princípios da ética desportiva, a vantagem de recrutamento eficiente para a expansão do «handball», que bem a merece.

Os meios mais seguros para atingir este objectivo seriam a divulgação do seu ensinamento nos Centros da «Mocidade Portuguesa» e a orga-



As equipas do I. S. Técnico e do I. S. C. Económicas

No encontro de «rugby»



Fase do jogo de «handball»

nização oficial de campeonatos para júniores, facultados a todas as colectividades, sem peias de filiação. É assunto para estudo mais demorado e oportuno.

As duas meias-finais deste campeonato universitário tiveram como decisão a fácil vitória do Técnico sobre uma equipa improvisada da F. de Ciências, por 12-2, e o triunfo muito mais difícil de Económicas sobre o I. N. E. F., por 3-6.

Escusado será acrescentar que a segunda destas meias-finais foi de melhor classe no jogo do que a primeira; foi, até, a melhor exibição de toda a prova.

Na final, Económicas bateu o Técnico por 5-3, mas jogando muito pior do que na saída anterior. Ficou, em parte, devendo o seu título — que lhe era bem atribuído, tanto em mérito absoluto como relativo — à insuficiência de remate dos avançados «engenheiros», que rero afinaram a alça na altura devida. Tem destes caprichos a sorte do desporto...

Os encontros timbraram sempre pela disciplina e correcção dos jogadores. A partida decisiva, que teve numerosa assistência, decorreu mais barulhenta nas bancadas, mas sem que isso se reflectisse no comportamento dos homens em campo. Provou-se, apenas, que os conhecimentos técnicos dos partidários, se fossem sujeitos a exame, eram bastantes para uma «raposa» certa...

Os «quinze», de Agronomia e Veterinária

O campeonato universitário de «rugby» reuniu por junto as inscrições de duas escolas, Agronomia e Veterinária, as quais se defrontaram, na hoje uma semana, no Estádio, com vitória para a primeira por 10-3, dois ensaios transformados a um ensaio.

O encontro decorreu muito animado, com absoluta correcção, mas o nível de jogo foi bastante inferior, tanto em mérito absoluto como em relação às possibilidades das equipas. (Continua na pág. 7)



O general FERREIRA MARTINS

fala-nos da obra da «Mocidade Portuguesa» e da sua necessária influência na preparação pré-militar da juventude

A campanha que a «Mocidade Portuguesa» está a desenvolver, na propaganda da sua acção no campo da educação física — e da própria educação física de todos os portugueses, à qual «Stadium» se associou de alma e coração, determina a oportunidade de estabelecer, sob os mais diversos aspectos, as ligações de problema de tamanha importância com as várias formas de actividade da vida nacional, onde a juventude tenha papel a desempenhar.

De um sector para outro, em íntima colaboração, de que se esperam os mais benéficos resultados, trabalham, em sincronismo de finalidades, mas em graus sucessivos, a «Mocidade Portuguesa», na preparação pré-militar dos mancebos, e o exército, na valorização dos homens que lhe são confiados para eventual defesa da Pátria e permanente prestígio da Nação.

No plano pré-organizado do inquérito de que nos encarregámos tinha portanto de figurar a opinião de quem, no meio militar, pudesse apreciar o assunto com conhecimento de causa e conhecimento das idéias que a dirigem.

Numa cativante demonstração de simpatia, o sr. general Ferreira Martins acolheu pronta e favoravelmente o nosso pedido de colaboração na campanha da «Stadium» — e são as suas interessantíssimas declarações que os leitores hoje vão conhecer e meditar.

O sr. general Ferreira Martins consagrou sempre aos problemas de educação física uma atenção especial, muito particularmente no que se podiam relacionar com o exército; deve-se-lhe, em re múltiplos e relevantes serviços, a iniciativa da criação dos primeiros cursos de oficiais instrutores de gymnástica, orientados pelo Conselho Director de Educação Física do Campo Entrincheirado de Lisboa, onde o ilustre militar desempenhava então o cargo de chefe do Estado Maior.

O entusiasmo e as convicções dessa época adivinha-se que são hoje ainda os mesmos; à exposição sucinta do nosso assunto, o sr. general Ferreira Martins respondeu pronta e desassombadamente:

— Entendo que são sempre bemvindas todas as formas bem orientadas da propaganda da educação da juventude portuguesa — de tão premente necessidade para que as novas gerações possam corresponder ao que delas se torna preciso exigir, física e moralmente, para interesse e prestígio da Nação. A actual campanha da «M. P.» a favor da educação física é, pois, digna do maior apreço de todos os portugueses — e deixaria eu de ser o patriota que me preso de ser se não a aplaudisse sinceramente.

— No empenho de valorizar o povo português para todas as emergências, que a incerta hora actual admite, considera importante a intensificação prática da educação física?

— A nossa juventude está por tal forma atrazada sob o ponto de vista educativo (triste é dizê-lo, mas indispensável acho que se diga) que não basta a educação física para a valorizar e, conseqüentemente, para contribuir para a valorização do povo português. A educação moral e cívica e a social, são outras tantas modalidades da educação — *tout court* — a que é indispensável atender para se atingir esse objectivo final: a valorização do povo. A educação física, no entanto, tem o seu lugar marcado na primeira linha da batalha educativa que é forçoso empreender, e oxalá da campanha actual resulte o proveito que certamente esperam, do seu esforço, os seus iniciadores e os seus colaboradores.

— «A Mocidade Portuguesa», ao promover a Campanha, não esquece os seus objectivos de preparação pré-militar da juventude. Conhecedor profundo, como é, destes problemas especiais, quererá V. Ex. dar-nos uma opinião que relacione os fins com o agente e os seus esforços para os alcançar?

— O serviço militar, mais do que quaisquer funções civis, exige da juventude educação modelar, sob todos os pontos de vista. O soldado

precisa de robustez, agilidade e desembaraço que só a educação física, metódica e completa, lhe poderá fornecer; mas necessita igualmente de energia moral, do culto das virtudes militares e do conhecimento perfeito dos seus deveres para com o Estado e para com a sociedade, que só poderá adquirir pela educação moral, cívica e social.

«Se é certo que durante o tempo de serviço nas fileiras alguma coisa se pode fazer — e se faz — no sentido de educar os mancebos que se alistam, a verdade é que o tempo de duração daquele serviço é demasiado curto para se poder «começar pelo princípio». Quero eu dizer que o ideal seria que os mancebos recrutados trouxessem já quando entram nos quartéis, uma bagagem de educação suficiente para que



General Ferreira Martins

o «oficial educador» apenas se occupasse em aperfeiçoá-la, desenvolvê-la e especializá-la, sob o ponto de vista militar»

— Terá a «M. P.» contribuído para que se atinja este desideratum? — insistimos.

— Não tenho conhecimento suficiente do que se passa no interior desse organismo, para poder responder conscientemente a essa pergunta. O que vejo, o que toda a gente tem visto, confesso em boa verdade que não me satisfaz inteiramente. É muito interessante ver alguns milhares de rapazes em parada, obedecendo militarmente a vozes de comando: é já um começo de obediência à disciplina que se incute, com proveito útil, no espírito da juventude. Mas, se não se consegue mais do que isso... é pouco, mesmo muito pouco, para o muito que se poderia e se deveria conseguir, penso eu, com a bem orientada organização da «Mocidade Portuguesa».

«Quando em 1912, capitão de artilharia 2, na Figueira da Foz, fui encarregado pelo comandante do regimento de ministrar aos recrutas a educação moral, cívica e social que fazia parte do programa, sei bem o trabalho que me deu o cumprimento escrupuloso desse honroso encargo, mas tenho a convicção de que não perdi de todo o meu tempo. Verifiquei, porém, que falava a rapazes que na sua quasi totalidade, nunca, nem na família nem na escola, tinham ouvido falar naquelas coisas que eu procurei explicar-lhes de forma que me entendessem. Se, como suponho, a acção educativa da «Mocidade Portuguesa» alcançar estes objectivos, terá cumprido o mais importante da sua tarefa!

— Sem que seja necessário alargar tanto os

dados do problema — atalhamos — não lhe parece que há dentro dos limites da educação física, propriamente dita, questões e situações a que é urgente atender?

— Tem razão em me chamar ao campo da educação física, de que me desviei.

«Perdô-me, embora as minhas impressões, *mutatis mutandis*, sejam as mesmas em todos os campos da educação da juventude. Mas voltamos ao tema início. A gymnástica é, sem dúvida, a base essencial da educação física. É por ela que, indiscutivelmente, se deve começar a cultivar a criança, desde a escola primária. Creio, porém, que essa necessidade está ainda longe de ser satisfeita, porque os professores primários não estão, na sua maioria (já dizer na sua totalidade) habilitados a ministrar a gymnástica infantil como seria indispensável. Verdade seja que as crianças da escola primária têm hoje tão extenuante trabalho intelectual, para satisfazerem aos programas exigidos, que não sei se lhes sobraría tempo e disposição (a elas e aos professores) para se occuparem do trabalho físico...»

«Mas permita-me, já agora, que, como velho militar, eu volte a encerrar a questão sob o aspecto da tropa.»

«Esta falta persistente da educação física escolar dá em resultado que o recruta entra no quartel (refiro-me à massa geral dos recrutados, que vêm do campo da lavoura) rígido, como se fosse feito de uma só peça, sem articulações. A sua única gymnástica foi feita a lavar com a enxada ou a puxar a rabiça do rado. E, como já nos renotos tempos em que andei pelos quartéis, creio que é ainda hoje na tropa que esses verdadeiros céspedes começam a desembaraçar os movimentos e a desenvolver o torax.»

«Em seguida à Grande Guerra passada, foi criado, no antigo Campo Entrincheirado de Lisboa, o Conselho Director de Educação Física — o primeiro organismo que appareceu no exército com funções de orientação da educação física do soldado — e verificou-se, durante anos seguidos, que as medições antropométricas feitas aos recrutas, à entrada e à saída do serviço nas fileiras, acusavam notáveis progressos, resultantes da gymnástica que lhe fora ministrada nos quartéis, naquelle pouco tempo de duração do serviço.»

«Se aos vinte anos, e no curto espaço de tempo de uma escola de recrutas, foi possível obter esses satisfatórios resultados, quanto mais e melhor se conseguiria se a gymnástica, metódica e racional, fosse praticada pelos rapazes na escola, na idade juvenil?...»

«Não só teria a lucrar a força armada da Nação, como ainda, sob o ponto de vista social — mais importante —, deixaríamos de ver essa pobreza física que nos confrange, contra a qual está lutando a «Mocidade Portuguesa», e ainda se não depara nesse rapazio que se diverte nas ruas, a dar pontapés numa bola de trapos, com risco da integridade do transeunte e dos vidros das janelas próximas — e, sobretudo, com o risco, muito mais grave, de criar clientes aos dispensários e candidatos aos sanatórios.»

«Não hesito, pois, em reincidir na afirmação, que é já um «lugor comum», de que o problema da gymnástica escolar é daquêles que exigem mais urgente re-olucção, para que se ponha um dique ao definhamento da nossa raça.»

E animado pelo calor das suas próprias considerações, em assunto que tanto tem prendido a sua larga vida de militar ilustre e de português insigne, o sr. general Ferreira Martins conclui:

— É claro que na gymnástica escolar incluo, como complemento útil, os jogos desportivos, adequados às idades dos alunos e praticados com a necessária disciplina e a indispensável assistência médica. De todos os outros exercícios físicos complementares, coloco em primeiro lugar a natação, que reputo o de mais geral utilidade. Mas como praticá-la em larga escala se as piscinas no nosso País se contam pelos dedos?... O grande oceano que nos banha, nem as substitui cabalmente para o efeito, nem está ao alcance de toda a população. E assim continuaremos a ser um heróico povo de marinheiros... que não sabe nadar!...

Dolorosa verdade, que no espírito de todos deve ficar gravada, para que prontamente se lhe acuda.

SALAZAR CARREIRA

O Atlético Clube de Portugal

recebem amavelmente os jornalistas

A nóvel e progressiva agremiação, hoje já um valor positivo do desporto nacional, recebeu, há dias, os representantes da Imprensa desportiva da capital e da rádio. Fizeram as honras da casa os srs. Paiva e Silva, presidente da Direcção, Jaime Franco, presidente da Assembléa Geral, Armando Lopes Esteves, do Conselho Fiscal, Carvalho dos Santos, figura grada do clube visitado, outros directores e membros dos corpos gerentes, além de muitos associados, entre os quais se encontravam algumas senhoras.

A simpática festa já outros colegas se referiram com maior oportunidade e largueza. Queremos, no entanto, registar devidamente a atenção do Atlético Clube de Portugal para com os que trabalham nos jornais, às vezes tão mal compreendidos e julgados...

As palavras proferidas pelos srs. Paiva e Silva e Jaime Franco traduziram o pensar da colectividade que «se sentia honrada com a visita». «Podemos concluir — disseram — os oradores — que não estávamos trabalhando isolados. Pudemos verificar, consoladoramente, que os esforços de todos estavam sendo compreendidos e apoiados. E esse apoio, franco encorajamento, partia da Imprensa, fazendo justiça ao esforço, ao trabalho e à perseverança deste clube».

Aproveitou-se o ensejo para apresentar aos jornalistas presentes o ante-projecto do futuro Estádio da Tapadinha, resultante do estudo e do trabalho gracioso do sr. eng. Travassos Valdez, vizinho e amigo dedicado do clube, técnico que à especialidade de instalações desportivas dedica longa parcela da sua competência e do seu saber.

Aproveitar-se-á parte do que está feito: a bancada central e a lateral, do lado sul. Estas, porém, serão ampliadas com mais dez degraus. No topo, a toda a largura da bancada — que será coberta — ficam os camarotes, 100, com os da presidência, os dos convidados e os da Imprensa ao centro. Nos baixos, além das entradas para os lugares reservados, os vestiários, o restaurante, salas de espera e da Direcção e as instalações sanitárias. A Imprensa também voltou a ser lembrada, sendo-lhe destinada uma sala especial.

No lado oposto, e abrangendo parte do topo norte, fica o péo, amplo, de boa visibilidade, e com lotação para 14.000 pessoas.

Com os lugares dos camarotes, 1.500 bancadas centrais e 5.000 laterais, está calculado que cabam no futuro Estádio 21 mil espectadores.

O terreno de futebol, medindo 105 x 70 metros, será arrelvado, começando imediatamente os preparativos para que na próxima época já esteja em condições.

Para tal influem, porém, as obras da piscina projectada (16 x 25 metros), que ficará no terreno ao norte do campo de futebol, com bancadas e instalações próprias. E que o problema do abastecimento de água não pode deixar de ser devidamente ponderado...

Uma pista de cinza, para a prática do atletismo, circundará o campo de futebol. Atrás da balisa norte ficam a caixa dos saltos e o recinto para lançamentos.

Houve a preocupação evidente de aproveitar o melhor possível o espaço disponível, com vantagens para atletas e público, tal como o demonstra o interessante ante-projecto.

Os actuais e inestéticos vestiários desapareceram. O local por eles ocupado, depois de nivelado, com o resto, será aproveitado para a ampliação do péo, cujas obras já estão em curso.

No lado das bancadas, os trabalhos vão, igualmente, começar já. Não está na disposição nem nas possibilidades dos «atleticos» fazer tudo imediatamente, de uma assentada. Todavia, o que se fór realizando obedece ao projecto conscienciosamente elaborado, para que, uma vez a obra concluída, esta não dê o aspecto de remendos e de enxertos...

A entrada principal deverá ficar numa rua em projecto que ligará Alcântara à Estréla, e que passará pelo norte das instalações. Para os lugares de péo será aberta uma ou mais entra-

Campeonatos Universitários

DE «HANDBALL» E «RUGBY»

(continuação da pág. 5)

A boa vontade era evidente, mas as imperícias frequentes e o desconhecimento quasi geral das regras e das bases elementares da tática do jogo predominaram no campo e fizeram rarear as fases claras e conscientemente urdidas. O grupo vencedor mereceu os louros; no entanto, o adversário reagiu sempre enérgicamente, conseguindo alcançar vantagem inicial e defendê-la com afinco, só por infelicidade não obtendo nova vantagem quando a marcação estava em 3-5: o jogador que levava a bola tropeçou no corpo do adversário que placara, mesmo junto da área, o companheiro fugitivo, e deixou cair a bola das mãos.

O vento, que soprava muito forte ajudou sempre a equipa que o tinha pelas costas — Veterinária no primeiro tempo, Agronomia no segundo.

Linha e linha, os vencedores mostraram-se melhor apetrechados, mas encontravam pela frente uma defesa enérgica e a mais firme vontade de resposta — vontade que durante muito tempo bastou para manter o equilíbrio.

O encontro foi marcado, pela força das circunstâncias, para hora demasiado cedo e o sol e o calor apoucavam os jogadores de maneira apreciável.

Couben-nos a honrosa missão de arbitrar esta final e assim melhor ainda pudemos observar quanto é profundo o desconhecimento das regras de jogo e irregular a generalidade das jogadas por parte da maioria dos praticantes.

Há muita boa vontade, certo sentido crático e espirito de jogo pelo jogo, mas a educação teórica foi esquecida em absoluto.

O árbitro que pretenda ser severo e rigoroso na aplicação das leis não deixa seguir uma única jogada; todas as formações são irregulares e as formações abertas nunca passam de confuso aglomerado de jogadores, colocados ao acaso e pentapeando a pobre bola de encontro às pernas dos que estão na frente. Existe no «rugby» um dogma que os nossos praticantes parecem desconhecer: se a bola está no solo e não pode ser agarrada ou «driblada» (levada para diante, coada aos pés) só pode ser talonada (batida para trás); isto é imutável para todas as formações, fechadas ou abertas, e nestas últimas os jogadores precisam de saber que não podem aglomerar-se ao acaso, mas sim por campos, cada equipa de seu lado, sob pena de deslocação.

A regra da bola presa (lei 16.^a) nunca é aplicada com rigor e o jogador bloqueado ignora que deve largar a bola, que deve afastar-se dela, se está caído no solo, e os restantes desconhecem que a bola só pode depois ser jogada com o pé, mesmo que esteja solta no terreno.

Os avançados necessitam da leitura atenta da lei 15.^a (formação) para conhecimento dos seus deveres e direitos nessa fase de jogo: os talonadores levantam os dois pés antes da bola entrar, talonam com o pé do lado da entrada da bola, entram na formação pelo lado do adversário; os pilares empurram antes da bola entrar e as linhas posteriores nunca conseguem garantir o equilíbrio, batem para a frente ou prendem a bola que vem talonada pela sua primeira linha; as bolas saem pelos lados da formação e até às vezes os médios as vão buscar ao meio de aglomerado de pés.

Os jogadores desloçados — coisa frequentíssima, com o costume dos pontapés de futebol pelos componentes das linhas traseiras — esquecem de se afastar para dez metros do adversário que colhe a bola, correm a placá-lo e admiram-se de serem castigados. Em contrapartida, não sabem que lhes assiste o direito

das na rua do Alvito, que veremos beneficiada entretanto.

Stadium, que se fez representar pelo nosso camarada Carlos Correia, faz votos pela realização breve e completa de tão belo projecto e pela continuação dos progressos da prestigiosa colectividade, agradecendo as atenções e as referências amáveis que foram dedicadas à nossa Revista.

de aproveitar um adiantado ou que deixam implicitamente de estar deslocados logo que o adversário tocou o pé com a bola ou tentou agarrá-la e não conseguiu.

Foi numa jogada nascida deste incidente regularíssimo que nasceu o ensaio da Veterinária.

Um último reparo aos médios e três quartos, sobretudo aos da equipa derrotada: a bola recebe-se em movimento e assim que o primeiro atacante a recebeu, toda a linha se deve pôr em movimento, para aproveitar velocidade e espaço. Ficar aspedado à espera da bola e só depois iniciar a corrida, anula toda a possibilidade de progressão no terreno.

Também verificámos nos três quartos o hábito de correrem — quando correm — quasi na mesma linha do portador da bola, o que provoca grande número de passes adiantados.

Seria um nunca mais acabar se fôssemos a enumerar todas as criticas possíveis; confiamos no espirito compreensivo dos jogadores para as aceitarem como são, sem propósito de censura ou desprimor, mas apenas com a ideia positiva de contribuir para o melhoramento geral do «rugby» e para a mais proveitosa acção do esforço de cada um.

Se alguém não gostar, paciência. Terá dois trabalhos...

O 50.^o Aniversário do Olimpismo

A próxima sessão na Sociedade de Geografia

PROSSEGUEM as manifestações organizadas pelo Comité Olímpico Português. No cumprimento das instruções do Comité Internacional, procura-se assim corresponder à grande comemoração do 50.^o aniversário do olimpismo moderno. Prestadas as homenagens devidas aos primeiros representantes do Comité Internacional em Portugal — dr. D. António de Lancastre e Conde de Penha Garcia, segue-se a grande sessão na Sociedade de Geografia, marcada para o próximo dia 13.

De característica olímpica, dará também motivo à invocação da figura de Luís Monteiro. Usará da palavra, em nome da comissão organizadora das comemorações, o sr. Vasco Ribeiro, presidente do Ateneu Comercial. Representará as federações nacionais o sr. Mário de Noronha, presidente da Federação de Esgrima. O dr. José Pontes, presidente do C. O. P., fechará a série de discursos.

Mas a reunião terá ainda o brilho da apresentação de uma classe de Artur dos Santos, professor de Educação Física e o mais antigo discípulo de Luís Monteiro ainda em actividade. Também os melhores esgrimistas se apresentarão em assaltos às três armas. E António Pereira, que foi concorrente aos Jogos de 1912, exhibir-se-á em exercícios de pésos, dando assim forte exemplo de quanto vale o desporto para a conservação da saúde.

Enquanto as manifestações já efectuadas conservarem, pela sua natureza, certo cunho de intimidade, a sessão da Sociedade de Geografia, que permite um grande publico, terá significado diferente, de verdadeira expressão olímpica.

Mais do que nunca se verificará que o génio do Barão de Coubertin não o enganou, ao traçar o seu grande plano de ressurgimento olímpico. O segredo do êxito não está apenas na ideia aliciante que conduz o limpismo, mas também na orgânica de independência que o seu criador soube dar ao Comité Internacional, e, consequentemente, aos Comités Nacionais. Coubertin previu, com inteligência, que o olimpismo só poderia engrandecer-se, criar raízes cada vez mais fortes em todo o mundo, se visse à margem de paixões, incluindo ao próprio desporto. Assim o olimpismo cresceu — e atingiu a força que tem.

Ideal desinteressado, cavalheiresco, obra pura de paz e confraternização, a despeito dos tempos revoltos que o mundo atravessa, mantém em todos os países núcleos que esperam zelosamente a hora de levar por diante a sua missão nobre da aproximação fraterna da juventude.

MONT
BLANCMONT
BLANC

Formidável estirada de Martins a um remate de Eloi. O arrojado guarda-rédes conseguiu desviar a bola para «canto»



NAS SALESÍAS Belenenses e Benfica

disputaram a mais vibrante partida dos quartos de final da "Taça de Portugal"

Ataque em massa às redes dos "azuis". Arsênio, Teixeira, Julinho e João Silva, rodeiam Feliciano (encoberto)



Salvador defende, enquanto Feliciano evita a entrada de Julinho

Julinho e Feliciano saltam à bola — que se escapou aos dois...



Um dos esboçados centros de Espírito Santo



Julinho, em pleno esforço, passa entre Serafim e Feliciano, remata — mas não marca...



A «IMPERIO»
é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma opólice da
«IMPERIO»
— a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

COMPANHIA DE SEGUROS
I M P É R I O
Rua Garrett, 56 — LISBOA

Os campeonatos nacionais de corta-mato

São campeões: João Silva e Manuel Gomes
O Benfica e o Sporting

A Federação Portuguesa organizou no domingo os seus campeonatos nacionais de corta-mato, nos terrenos circundantes ao Estádio do Lumiar, cenário clássico de todas as provas do género há vinte anos atrás, para não dizermos há mais de trinta, pois por ali andaram a correr também os cinquenta e tantos concorrentes do primeiro corta-mato disputado em Portugal. A prova foi a repetição, em pior, do campeonato regional, teve escassa concorrência — apenas dos representantes dos mais fortes clubes lisboetas — e disputou-se num percurso excessivamente severo e a hora imprópria para corridas de longa quilometragem e pesadíssimo esforço.

Estes terrenos dos montes trazeiros ao Estádio eram antigamente muito próprios para estabelecer precursos do género, porque estava livre o acesso pelos campos da cerca do Hospital de Repouso e assim se ofereciam aos corredores obstáculos naturais, acidentes de terreno, e apenas duas ou três escaladas, mais suaves do que a actual. No presente, cingindo-se ao pequeno circuito escolhido pelos técnicos federativos, obriga-se os concorrentes a escalar vezes repetidas uma ladeira extensa e íngreme (5 vezes os júniores, 7 vezes os seniores), favorecendo decisivamente os trepadores e impondo a todos um esforço que não corresponde aos objectivos da prova.

Em dia de calor estival, sol escaldante no pino da sua viagem eterna, os corredores foram obrigados a este calvário a hora menos indicada e em tais circunstâncias agravantes. Todos se queixavam, depois de cortada a meta, das dificuldades do abraço solar.

A corrida de seniores não podia ter história — e não teve história. O único clube que possui corredores na categoria é o Benfica e os seus homens entraram nos quatro primeiros lugares, todos distanciados. João Silva ganhou como quis.

O Sporting e o Atlético valem-se de unidades já no declínio da sua carreira desportiva e não chegam, sequer, a oferecer luta.

Mannel Nogueira ainda se deu ao luxo de iniciar à cabeça do pelotão a segunda volta, mas retrogradou nas imediações e nem concluiu o percurso. O mesmo sucedeu a Filipe Luiz, desaparecido durante a segunda volta pelo exterior.

A prova de júniores oferecia melhor competição, embora alinhasssem apenas treze homens, entre «encarnados» e «verdes»; mas os candi-

datos ao título individual eram dois, um de cada clube, e tanto bastava para motivo de interesse.

O benfiquista Manuel Gomes, a revelação do campeonato popular organizado no ano passado pelo «Diário de Notícias», levou a melhor, obrigando o sportinguista Afonso Marques a desistir na quarta volta, esgotado pelo esforço das subidas, que para ele são pouco de agrado.

Na primeira volta apareceu Jaime Martins à cabeça, com umas dezenas de metros de avanço sobre Serafim, Marques e Gomes; mas na imediata, Gomes vinha já em primeiro, com os três «leões» na cola. Dos três, apenas Marques conseguiu recolar, percorrendo ambos, juntos, o terceiro percurso pela pista, para, na quarta rude escalada do Tiro aos Pombos, Marques desistir e a prova deixar de ter luta.

Manuel Gomes, de estatura e físico parecidos a João Silva, causou-nos excelente impressão: é o tipo de corredor leve e resistente, talhado para provas como esta de domingo.

Outros nomes a apontar: Jaime Martins, que cometeu o erro de partir demasiado rápido; Serafim, que recupera forma; e Manuel Freire, cuja passada fácil é indicativa de aptidões aproveitáveis. Na categoria superior: Mannel Gonçalves, óptimo segundo, os enérgicos Miranda e Armindo Pereira e os veteranos Salvador Antunes e Anacleto Gomes.

A organização, em si, satisfaz; apenas discordamos, como dissemos, da hora e do traçado do percurso. Discordamos, afinal, de quasi tudo.

O CASCAIS-LISBOA DE 1943 FOI ANULADO

Foi necessário quasi um ano para a Federação se pronunciar sobre a reclamação apresentada pelo Sporting a propósito da corrida Cascais-Lisboa, da época passada, cuja anulação pedia em face de múltiplas irregularidades cometidas, das quais a principal era o incidente da chegada do corredor Pires de Almeida, que não cortara a meta em condições legais, em virtude da haver caído antes, com princípio de insolação.

A Associação de Lisboa, como era de esperar, sancionara o resultado, o que levou o clube a recorrer.

Na sua última reunião, há alguns dias, a direcção federativa, em sessão conjunta com o seu conselho técnico, tratou, enfim, do assunto e decidiu anular a corrida, considerando fundamentada a exposição que lhe fora apresentada.

Fica desta maneira resolvido um problema muito discutido e por causa do qual se gastou tanta tinta para explicar o que não tinha explicação, além dos desejos de amizade e da disciplina de serviço clubista.

SALAZAR CARREIRA

NATAÇÃO

GEORGE BLACK E FRANCISCO ALVES

em evidência nos campeonatos universitários

EM ambiente agradável e rodeados de natural expectativa, os campeonatos universitários de natação tiveram, no domingo à noite, na piscina do Instituto Superior Técnico, a sua primeira jornada, que registou assistência bastante numerosa. Isto prova a simpatia e o agrado com que são vistas as competições entre estudantes, havendo apenas que torná-las mais frequentes. A organização ressentiu-se da inexperience de quem a teve a seu cargo. A boa vontade e o desejo de acertar, por vezes, não chegam.

Desportivamente, e vistas em globo, as provas agradaram. Houve mesmo momentos de entusiasmo, especialmente durante a disputa dos 100 metros-livres. Individualmente sobressaíram dois nomes — o do «engenheiro» Black e o do «advogado» Francisco Alves.

Nos 100 metros-brucos, George Black fez, de facto, uma bela prova, em bom «estilo» e bom ritmo, com o primeiro percurso em «mariposa», ganhando a-vontade em 1 m. e 33 s.

O aniversário do Sport União Torreense

O Sport União Torreense, colectividade entre as mais conhecidas da provincia, completou há dias 27 anos de existência.

Coincide esta data com uma fase de renovação que a colectividade atravessa e que é devida ao espirito de iniciativa e à dedicação de um punhado de rapazes que neste momento orientam os destinos do S. U. Torreense.

O acontecimento foi festejado ante-ontem com um programa bem elaborado, incluindo duas organizações que permitem afirmar que a vila de Torrões Vedras esteve em festa.

Na verdade, quer o 1.º Circuito ciclista de Torrões, para corredores independentes, quer o desafio de futebol, despertaram grande interesse, fornecendo para os torreenses dois bons espectáculos.

O circuito, comportando 50 voltas e com o itinerário dentro da vila, na distancia total de 50 quilómetros, teve a participação dos nossos melhores estradistas. As características da prova serviram excelentemente a propagação da modalidade na região, e os corredores, lutando com entusiasmo e brio, valorizaram grandemente a competição.

Depois de uma série de «sprints» bem disputados, assistiu-se a chegada cheia de beleza e que permitiu a seguinte classificação:

1.º — Eduardo Lopes (Iluminante), em 1 h., 23 m. e 18 s.; 2.º — José Ferreira (Sangalhos); 3.º — João Rebêlo (Ilum.); 4.º — Noé de Almeida (Sang.); 5.º — Jorge Pereira (Ilum.). Classificaram-se mais: Francisco Inácio (Sp.), Aristides Martins (Sp.), Ralha (Sp.), Túlio (Sang.), J. Mourão (Sp.) e A. Jacinto (Ilum.), todos no mesmo tempo dos anteriores.

Por equipas, classificaram-se: 1.º — «Iluminante», 9 pontos; 2.º — Sangalhos, 14; 3.º — Sporting, 23.

Desistiram: João Lourenço, José Martins, David Silva e José Carreira (individual).

Depois da prova de ciclismo efectuou-se, no campo do Bairro das Covas, um desafio de futebol entre o Atlético Clube de Portugal e o Torreense, saindo vencedor o primeiro por 3-2.

A noite foi oferecido um jantar aos desportistas de Lisboa e aos representantes da imprensa que constituiu excelente festa de confraternização desportiva. — M. F.

XADREZ

O IV CAMPEONATO DE LISBOA INTER-CLUBES

Com o encontro final Belenenses-Costa do Sol, e após renhida luta, concluiu a disputa do IV Campeonato de Lisboa inter-clubes, verificando-se a vitória folgada da equipa da Costa do Sol.

O dr. Mário Machado, tabuleiro 2 da equipa vencedora, obteve a melhor classificação individual, com 8 pontos (7 v., 2 emp., 88 %), conquistando a medalha de «vermelho» oferecida pela Stadium.

No nosso próximo número, na habitual crónica de apreciação, comentaremos o decurso deste importante torneio.

Os 100 metros-livres proporcionaram um bom triunfo a F. Alves, em 1 m., 10 s. ²/₁₀. Qualquer dos outros concorrentes, porém, merece referência. Lutaram animadamente: António Neto (1 m. 12 s. ²/₁₀), Palmeirim (1 m. 14 s. ²/₁₀) e Jorge Vieira (1 m. 17 s. ²/₁₀).

Nos 100 metros-costas verificou-se a vitória de Bustorf Ferro (I. N. F. F.), que, não sendo um especialista, triunfou, no entanto, de Francisco Alves.

Os 400 metros-livres, um tanto monótonos, foram ganhos por António Neto, num «tempo» regular: 6 m. 43 s. ²/₂. Correu a-vontade, sem esforço, parecendo-nos que estará em «formas».

Dois equipas — a do Técnico e a do I. N. F. F. — disputaram os 4x100 metros-livres, ganhando esta última, em 5 m. 33 s. ²/₁₀, por uma piscina de vantagem.

Os títulos ficaram assim distribuídos: I. N. F. F., 2 vitórias; I. S. T., F. Ciências e F. de Direito, uma cada. — A. T.

BARREIRA DE SOL

COM uma enchente à cunha, reapareceu no Campo Pequeno o mexicano Gregório Garcia, que tanto deu que falar o ano passado. Não podemos dizer que fosse auspicioso o seu debut entre nós como matador de alternativa na sua terra. Gregório vem o mesmo, mas os seus «incondicionais» parece que arrefeceram um tanto.

No seu primeiro garraio, que não investia com a suavidade e a nobreza propicias para os «parones» isolados com que electrizava o seu público fiel, pouco ou nada fez nos três tercios. No seu segundo, um garraio ideal, conseguiu dar certa animação a um primeiro tercio de capotes sem varas, em competição com o novilheiro Manolo Ortiz, que lhe levou a palma numa excelente série de «gaoneras». Com a muieta, longe de saber aproveitar as excelentes condições do bicho, procurou sacar palmas com aquelles seus passes característicos, em que se arrima por forma inverosímil, para ser freqüentemente colhido por não saber correr a mão e levar o touro toureado.

Manolo Ortiz, que não teve sorte com o seu lote, não perdeu o «cartel» conquistado na sua apresentação, embora não lhe possamos registar mais do que alguns bons lances de capote, a faena regular no seu primeiro, e a boa vontade com que procurou bandarilhar.

Os cavaleiros Fernando Salgueiro e Murtaira Correia também não tiveram toiros ajustados aos seus recursos artísticos.

J. E.

Brilhante vitória de JOÃO REBELO NO CAMPEONATO DISTRITAL DE FUNDO

R. Martins e J. Leandro são campeões nas categorias de veteranos e júniores

EXPlicava-me, há dias, um amigo — e tanto me agradou o seu critério que desde logo resolvi imitá-lo — que ao expor qualquer assunto e para se assegurar da atenção do auditor, nunca punha claramente a interrogativa: «Percebeu?», substituindo-a pela diplomática inversa: «Não sei se me fiz perceber?».

Pois eu também suponho, em referência às minhas apreciações aos últimos campeonatos universitários de atletismo, que não me fiz perceber; e a necessidade de resumir obrigou a apresentar logo conclusões sintéticas e a emitir o comentário justificativo — e daí nasceu a possibilidade de errada interpretação, que conduziu ao encontro de propósitos que não eram os meus e podem deixar no espírito de alguém a hipótese de que me pretendi associar aos neófitos da crítica destrutiva e mal intencionada.

Em Portugal não existe atletismo universitário propriamente dito, com uma excepção aberta para Coimbra, onde há dois anos se está fazendo trabalho construtivo e independente; não existe, nem nunca existiu atletismo propriamente universitário, porque as Escolas e Faculdades não dispõem, nem nunca dispuzeram, de instalações e organização próprias. A sua actividade viveu, assim, sempre em regime de empréstimo e na dependência da qualidade atlética dos alunos matriculados.

Posto desta forma o problema, reconhecendo-se ainda que existiria o maior interesse em fomentar o desenvolvimento do atletismo universitário, consideramos dignas do maior incitamento todas as tentativas espontâneas da sua organização em qualquer estabelecimento de ensino.

Por isso escrevemos, há uma semana: «Embora os estudantes do I. N. E. F. tivessem conquistado o primeiro lugar na classificação geral, o grande triunfador foi o I. S. Técnico, cuja equipa era integralmente «produto da casa».

Não nos fizemos compreender!

Não existe nestas palavras o menor propósito de diminuir o valor do triunfo obtido pelos «infiestas», que em crítica de mérito absoluto ou relativo dominaram de longe a situação; o que se pretende é apenas realçar a obra voluntariosa de uma escola que zela pela preparação física dos seus alunos como nenhuma e lhes estimulou o gosto pela prática do atletismo, refinando um grupo apreciável de cultores, onde não existia um único com passado na modalidade. Esta intenção elogiosa, que procurava sobretudo descobrir imitadores, só pode aliás significar apreço pela obra pedagógica do Instituto Nacional de Educação Física, pois traduz o reconhecimento implícito do trabalho profícuo realizado pelo professor Mário Saraiva, a cuja devoção, competência e entusiasmo se deve o êxito da equipa do Técnico.

Suponho que, antes da realização das provas, ninguém duvidava já da classe de Fernando Ferreira, Costa Pereira, Bustorff Ferro, Mário Lemos, Lello Ribeiro, Jorge Camões, Moniz Pereira, Helder Sousa, Robalo Gouveia, dr. Ferreira e Igménio Tadeu, como noutras escolas se conheciam os nomes de Bandeira Bastos, Rebelo Gomes, Prata Dias, João Mendonça e Mota Capitão; mas surpreenderam toda a gente as proezas de Gil Paiva, Pereira Nunes, Norton, Martins, Lopes Alves, Francisco Caetano, José Seródio, Castelo Branco e Brito, como inesperada foi a revelação do «económista» Homero Reis, que nunca anteriormente se dera em qualquer clube a prática do atletismo.

Esta é a verdade incontroversa que a nossa opinião traduziu e para ninguém é desprimorosa. Pareceu-nos ocioso enaltecêr a evidência da superioridade física e técnica dos «infiestas», cuja preparação é o reflexo do seu próprio regime escolar, até com os inconvenientes para a sua melhor forma, que resultam dos seus pesados trabalhos físicos profissionais; por ela falaram os resultados do campeonato. Mas quisemos exaltar o esforço inédito de uma escola superior, que deu magnífico exemplo de espírito empreendedor.

Uma coisa não infere a outra. Podem talvez alegar-nos que o atletismo universitário não deve assentar sobre iniciação universitária, antes ser em lógica a continua-

SÃO poucos, muito poucos mesmo, os corredores de bicicleta que têm a verdadeira noção das suas possibilidades. Normalmente, a maioria, quando vence, exagera na análise dos seus atributos, chegando mesmo a deminuir o valor dos adversários. Se são vencidos, raras vezes tomam isso como reflexo da superioridade dos seus companheiros de luta, apresentando, para motivo da derrota, a infelicidade nas provas e as dificuldades que tiveram de vencer, chegando até a considerar-se vítimas de pretensas irregularidades cometidas por aqueles com quem se batem.

Muitos do apañados dos estradistas que procedem assim não só criam, com a sua tendência para descreverem do valor da quem vence, ambiente próprio a tal falta de respeito pelo mérito de cada um, como são até eles, às vezes, quem se encarrega de propalar boatos tendentes a menos-prezar o valor dos homens que triunfam.

Há, todavia, resultados que, por traduzirem fielmente o desenrolar das competições e atestarem o real valor de quem nelas toma parte, jamais provocam controvérsias sobre se são ou não obtidos com merecimento, sendo por isso desde logo aceites sem a menor discussão.

Eis o caso do triunfo conquistado por João Rebelo na última prova do campeonato distrital de fundo — os 176 quilómetros disputados no percurso Lisboa-Merceana-Tórres-Ericeira-Lisboa, e até o das classificações secundárias da mesma corrida.

OS DOIS MELHORES

Ninguém pode, sem deixar de ser injusto, contestar o mérito da vitória do campeão nacional de 1943, vitória essa que lhe valeu também, como já havia sucedido no ano passado, o título de campeão regional. Da mesma maneira, ninguém deve duvidar do justo segundo lugar obtido pelo «sangalhense» José Martins.

Rebelo, que no primeiro terço da corrida teve de mudar duas vezes de máquina, «recolou» sempre com à-vontade surpreendente. Depois, quando ficou sozinho com Martins (e isto deu-se a mais de 50 quilómetros da meta) nunca se recusou a entreajudar o homem de Sangalhos, fazendo-o de tal maneira que ninguém conseguiu aguentar-se na «roda» desse endiabrado duo de fugitivos. Mais tarde, ao atacar na rampa de Caneças, fê-lo com tal convicção que Martins teve de ceder, apesar de ter ainda podido «colar-se» por momentos à roda do «iluminante». E, por último, após haver neutralizado, nos longos 9 quilómetros da descida de Caneças ao Senhor Roubado, a vantagem adquirida por Martins, e ao descer com mais alguns centímetros de «desmultiplicação», o mesmo Rebelo impôs de tal forma a sua superioridade a subir que, desde o meio de Carriche até à pista, ganhou nada menos de 2 minutos ao seu valoroso adversário. Isto diz tudo acerca do comportamento do possante estradista.

Por seu turno, Martins valorizou-se bastante no segundo terço da prova, enquanto tentava, por sinal com êxito, distanciar João Lourenço, que tinha mudado de máquina.

A sua marcha uniforme, em luta contra a brisa que soprava de frente, desde o alto da Picança até às Carvoeiras, deu de facto momentos de grande valia à competição. No entanto, onde Martins mais se valorizou e onde a sua acção chegou mesmo a ser brilhante foi na perseguição feita entre Caneças e Carriche. Neste terço da prova, Martins ganhando terreno a descer e

Rebelo a distanciar-lo nas subidas curtas do percurso, a luta tornou-se emotiva e rodeou-se de valor atlético incomparável.

OS OUTROS CORREDORES

Embora a sorte lhe fôsse adversa, não devem todavia os outros dois favoritos do campeonato — Lourenço e Túlio — atribuir só à sua infelicidade o terem sido batidos. De facto, Lourenço «descolou» do pelotão para mudar de montada. Mas essa operação demorou muito menos tempo do que o perdido pelo estradista depois, em plena «caça». É certo que Lourenço, durante alguns quilómetros, veio em máquina de empréstimo; mas mesmo depois, montando já a sua «Oriental», não conseguiu, apesar de entreajudado por Inácio, igualar-se aos homens que pedalavam nas «Flechas».

Sem que isto possa constituir índice de falta de classe, porque o campeão «leonino» tem-na de facto, o certo é que Lourenço não correu de maneira a merecer o título.

Quanto a Túlio, embora viesse a não suportar o «passo» riço com que a corrida foi conduzida nos últimos quilómetros (fêz-se a média de 40), não teria cedido tão cedo se não fôsse as duas perseguições em que teve de aplicar-se, para anular o atraso motivado pelo seu «furo». Túlio sairia batido da contenda, mas menos nitidamente.

PORMENOR A ATENDER

Embora não houvesse, no princípio da prova, mais que dois «estícios» fortes, o certo é que a marcha foi sempre rija e em cadência forçada. Disso resultou que, chegados os estradistas aos cento e tal quilómetros, a fadiga apoderou-se dos menos «duros» — e então os que cediam... cediam de vez! Assim sucedeu a Mourão, que «acabou» mais cedo que o normal, talvez por ter respondido sempre de pronto a alguns «arranques» adversários; assim sucedeu com Aristides, Noé, Jacinto, José Ferreira, D. Silva e J. Serra, que, a partir do posto de abastecimento, principiaram a fraquejar.

Supporto, no entanto, algo melhor do que habitualmente, o estradista Jorge Pereira, que nos pareceu em subida de forma; também Inácio teria sido um dos últimos a «largar» o duo Rebelo-Martins se proposadamente não tem ficado à espera de Lourenço, em arrojada tentativa de o levar à frente das operações. Do estradista de Tórres pode dizer-se que foi ele o grande «sacrificado» da prova.

MAIS DOIS CAMPEÕES

Concluíram também no domingo, com a disputa de duas provas de cinquenta quilómetros, os campeonatos distritais de iniciados e veteranos. Na primeira categoria, o triunfo pertenceu ao habilidoso Augusto Leandro, que foi de facto o mais regular de todos os concorrentes no conjunto das três provas. Gomes Barros, do Benfica, classificou-se, também por mérito próprio, em segundo lugar.

Em veteranos, Rosa Martins, que tinha sido vencido na prova contra-relógio, pôde desforçar-se não só dessa derrota como ainda levar para o seu clube mais um campeonato. Dias Maia não conseguiu repetir a proeza de há oito dias e viu-se relegado para segundo lugar.

Resultados: 176 quilómetros — 1.º, João Rebelo, 5 h., 12 m. e 11 s.; 2.º, Martins, 5 h., 14 m. e 10 s.; 3.º, Lourenço; 4.º, Lopes; 5.º, Túlio, todos com 5 h., 21 m. e 6 s.; 6.º, J. Pereira, 5 h., 22 m. e 25 s.; 7.º, Noé; 8.º, Aristides.

Iniciados: 50 quilómetros — 1.º, Miguel Gaspar; 2.º, Leandro; 3.º, Gomes Barros; 4.º, Albano de Oliveira; 5.º, Porfírio dos Santos. Chegaram mais doze corredores.

Veteranos: 50 quilómetros — 1.º, R. Martins; 2.º, Joaquim Dias; 3.º, Maia; 4.º, Conceição; 5.º, Madeira.

SALAZAR CARREIRA

GIL MOREIRA

VESTIR com ELEGÂNCIA e ECONOMIA só na

Alfaiataria  AGUIA

R. da Madalena, 202-I.º
Telefone 2 0581
LINDOS PADRÕES
CORTE IMPECÁVEL

A ASSOCIAÇÃO NAVAL 1.º DE MAIO

comemorou os primeiros 50 anos da sua existência

UMA EXPOSIÇÃO BIBLIO-ICONOGRÁFICA



A Associação Naval 1.º de Maio é das mais populares agremiações desportivas da provincia. Fundou-se há 51 anos. Um grupo de rapazes artistas criou um clube de desporto. E deu-lhe o título que correspondia então a uma data histórica para os trabalhadores de todo o mundo — o 1.º de Maio. Tinha, fundamentalmente, quando se organizou, o carácter popular que resultava da sua massa associativa. E mantém ainda essa característica. Não mudou com o tempo. Tem sido fiel a si mesma.

Pois a Naval 1.º de Maio, clube de gente modesta, mas com brilhantes tradições no desporto, completou, agora, um novo aniversário. E tendo aberto, no ano passado, com um opúsculo relativo à sua obra de meio século, um ciclo que podemos classificar de notável, incluiu, no programa comemorativo deste ano, uma exposição de flagrante actualidade. Espontaneamente, sem qualquer sugestão, demos logo à iniciativa o relevo merecido. Parece-nos que deveria ser um certame de grande poder evocativo. Aquilo que os olhos fixam com agrado sobe mais facilmente à inteligência. Devia constituir um belo êxito. E não nos enganámos.

Para este resultado contribuiu sem dúvida a pessoa que teve a idéa — e que soube depois realizá-la com o método e o bom gosto que lhe são peculiares. Referimo-nos a «Carlos Sombrio», que é o nome literário de António Augusto Esteves, antigo praticante, dirigente e jornalista de desporto. Foi timoneiro da Naval e seu director. Dirigiu, brilhantemente, há anos, um semanário local — «Figueira-Sports», salvo erro. A sua actividade derivou depois para a literatura, com o pseudónimo de «Carlos Sombrio», firmado primeiro como jornalista, em ambos os campos contando inúmeros triunfos.

A exposição foi organizada de acôrdo e com a cooperação da direcção da Naval. «Carlos Sombrio» encontrou um bom auxiliar em Raúl Correia. E a idéa despertou franco entusiasmo entre os sócios da agremiação. Não custou, pois, pôr a iniciativa em marcha. Entre os sócios que forneceram elementos para a exposição figurou o sr. Artur Ferreira de Almeida. Ao todo, e em síntese, reuniram-se cento e tal expositores e cerca de três mil espécies, desde os exemplares dos jornais e reclamos de jogos e festivais, até às fotografias mais diversas.

Inaugurou-se esta exposição em 16 do mês findo e fechou em 23, com uma sessão solene, sob a presença do próprio governador civil do distrito. No primeiro dia descerrou-se o busto com que o escultor Henrique Moreira representou a Naval. Henrique Moreira é dos melhores escultores do país, tendo alguns trabalhos de valor em diversos jardins portuenses. O dr. Octávio de Sá, ilustre advogado, jornalista e escriptor conimbricense, referiu-se à iniciativa e pôs em destaque o esforço despendido por «Carlos Sombrio».

A exposição esteve aberta apenas durante uma semana, com dias reservados a determinadas visitas. O de sábado, penúltimo dia em que se manteve aberta, foi magnífico como motivo de propaganda desportiva e incitamento cultural, porque se destinou à visita dos alunos das escolas primárias e secundárias. Passaram pela exposição cerca de mil estudantes — cérebros ainda em formação.

Uma das gravuras que publicamos dá bem a impressão do aspecto global do certame. Entre as espécies agrupadas na exposição, figuraram fotografias e troféus que se relacionam com algumas das datas mais gloriosas na Naval 1.º de Maio. De entre essas datas destacam-se, naturalmente, as que respeitam as grandes provas ganhas e organizadas.

Merece, por certo, relevo especial a primeira prova disputada pela Naval em Lisboa. Correu a um valoroso nadador, já falecido há anos — António da Silva Monteiro. Era um hercules, que causava admiração na Figueira pela forma como se afastava para o largo, em pleno oceano, até se perder de vista. Representou a Naval nas duas primeiras provas que se organizaram em Portugal — a «Meia Milha», do Ginásio Club, e a «Prova de Mar», em Cascais, em 1906. António Monteiro classificou-se em 2.º lugar, em ambas as corridas, impondo-se como nadador de grande resistência. Foi há 38 anos!

Em 1909 veio o primeiro grande triunfo nacional: Ernesto Ribeiro da Silva entrou na travessia do Tejo e ganhou, com brilhantismo, o célebre «Escudo do Ginásio», que é um depósito de honra da natação portuguesa. Dois anos mais tarde teve a Naval de conquistar, em Lisboa, nas águas do Tejo, na prova de remo que era então a mais importante, a «Taça Lisboa», lindo e valioso troféu que é ainda o prémio do campeonato nacional de remo, em «out-riggers». A equipa vencedora era constituída por José Ferreira de Oliveira, Henrique Varanga, Patrício Dias, David Nana e Augusto Nogueira, timoneiro. As duas recepções, à volta para a Figueira, são ali recordadas com saúde. Foram duas excelentes jornadas de vibração regionalista.

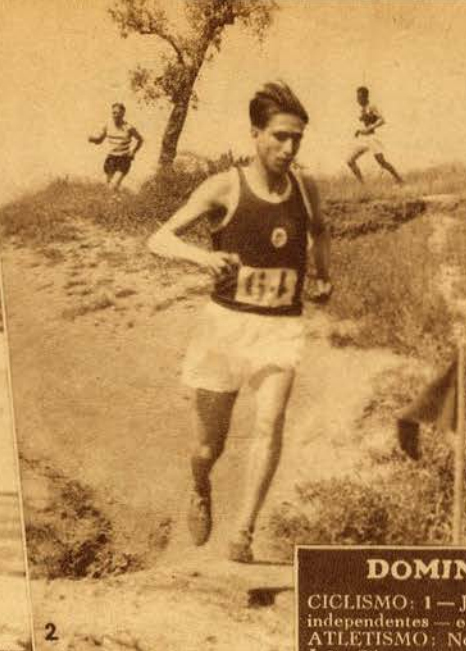
Estas são as primeiras grandes vitórias que a exposição faz recordar — e as que abriram a série de triunfos e organizações que atestam o valor dos atletas navallistas, bem como o largo espírito de iniciativa dos seus dirigentes. Mas este espírito teve a sua maior expressão na «Taça da Vitória», oferecida, à custa da intervenção do Dr. Ezequiel Carneiro Prego, outro dos vultos de maior relevo no passado da Naval, pelos representantes das Nações Aliadas, em 1919, para ser disputada em Campeonato Internacional de remo, provas em que têm tomado parte tripulações de clubes estrangeiros.

Dispensando à oportuna e brilhante iniciativa da Naval 1.º de Maio esta série de notas e comentários, aproveitamos o ensejo para lhe dirigirmos as nossas felicitações pelo novo aniversário.

MÁRIO DE OLIVEIRA



Aspecto da exposição



DOMINGO DESPORTIVO

CICLISMO: 1 — João Rebelo ganha os 166 quilômetros para independentes — e o título de campeão regional da categoria. ATLETISMO: No campeonato nacional de corta-mato — João Silva, campeão de seniores (2), e Manuel Gomes, de juniores (3), ambos do Benfica, em duas fases da prova. RUGBY: 4 e 5 — Aspectos do jogo efectuado entre o Atlético e o Estoril Praia, a contar para o campeonato de Lisboa.



NA INAUGURAÇÃO

DOS MELHORAMENTOS
EFECTUADOS NO

"RINK LISBOA-IMPERIO"

Alfredo de Sousa, seu proprietário, com Quina Baptista e sr.^a de Helder Cunha, que procedeu à distribuição de vários prémios

FESTA BRAVA

Reapareceu GREGÓRIO GARCIA o mais discutido toureiro dos últimos tempos nas nossas arenas

Com a praça literalmente cheia, o arrojado mexicano toureou no domingo no Campo Pequeno. Eis um dos seus pares de bandarilhas



Stadium na Capital do Norte

Matéria prima

As diversas modalidades desportivas praticadas na cidade do Porto assumem, de tempos a tempos, um carácter de importância fortemente predilecta, equilibrando o equilíbrio que deve existir, em especial quando se confronta o valor de uma modalidade aqui praticada com a sua expansão no progresso noutro centro, como por exemplo em Lisboa.

Temos bem presente o caso do «handball», que dá uma nota de que acima deixamos dito. Em Portugal, a cidade do Porto foi a que maior incremento deu ao handball, onde mais se expandiu e melhores dias conheceu. Daqui partiram — quais aventureiros — as corruanas que o levaram até Coimbra, Braga e outros pontos do norte, em jogos entre selecções do Porto, ou com «variações» feitas ao acaso em qualquer terra, geralmente com elementos que praticaram «handball» no capital ou na cidade da Vergem.

O Porto ditou as suas leis a todo o país neste capítulo e foi aqui que a modalidade começou a rodear-se de seu público amigo, que a impulsionou e protegeu, até que os seus passos vacilantes se tornaram mais usados.

O hanoamam que se separa hoje dos nossos olhos não pode ser mais confrontado. Duqueses belos grupos de outrora, que faziam a nossa alegria, já nada ou quasi nada resta. De uma diáspora de jogadores que elevaram o «handball» aos melhores trunfos, restam alguns que conservam ainda células de vida, mas mal acompanhada ou emparricada.

Uma geração nova veio para o handball, mas sem aquela vontade, aquela desejo que fez dos antigos os verdadeiros pioneiros da sua causa. Parece que se esgotou a fonte de recursos do handball. A modalidade entra a declinar assustadoramente e não nos admira que, pela primeira vez — já isso se receava o ano passado, quando a derrocada não era tão evidente — o Porto, esta cidade que foi o berço do handball, tenha de abater bandeiras diante de outras, possuidoras de conjunto superior. Está em perigo o título de campeão de Portugal. Mudará de região? Após cinco anos seguidos de triunfo, veremos fugir o que era um dos motivos do orgulho dos desportistas portuenses?

Falta de homens. Dirigentes e praticantes, talvez mais destes do que de aqueles. Mas falta de ambas, evidentemente. Por desinteresse? Quem sabe? A única certeza que nos adirir é a de reconhecermos que, de momento, estamos inferiorizados.

E porquê?
Porque não se criam jogadores. Porque grande número dos praticantes de «handball» jogam «basket» ou «volley». Porque não se vive para o «handball» como antigamente se fazia?

E preciso criar jogadores, fazê-los para a modalidade. Desenvolver o campeonato de juniores, educar os novos, porque os «reservas» são elementos que já deram o melhor do seu esforço, pela causa. Outros que venham com o mesmo dose de vontade e de energia, e o handball renoverá e progredirá no Porto.

Estaqui. Há anos que isto mesmo se diz. Há quem não queira ver assim, por interesses que se movem, sem se querer reconhecer ou compreender a única verdade.

O nosso «handball» tem de voltar a ser o que foi. O de facto é um fim falta de gente. Preparem-se elementos novos, repetimos e adunem-se e instrua-se na modalidade. Incute-se-lhes no espírito o gosto pelo «handball» — e aquela dedicação que nos sentimos ainda hoje e nos leva a fazer esta prevenção.

Trabalhe-se nesse sentido, porque é o caminho a seguir!

MÁRIO AFONSO

Como nasceu e vive o Sporting Clube de Braga

PASSOU há pouco o aniversário da fundação do Sporting Clube de Braga, acontecimento que serviu de pretexto para levar até a cidade dos arcebispos o campeão nacional de futebol — o Sporting de Lisboa.

Apesar de muitas contrariades, o conjunto bragançense continua a servir o desporto com o melhor do seu querer, lutando ardorosa e afinadamente para regressar aos tempos áureos — quando as suas cores tinham a ufania de se aliarem com o título de campeão distrital.

A imprensa da capital do Minho deu particular relevo — aliás merecido — ao facto e, por acharmos interessante, vamos, com a devida vênia, respirar do nosso conf. e «Diário do Minho» algumas passagens da carta de um dos fundadores, na qual se narram as peripecias da instalação do Sporting de Braga, assim como da palestra havida com o presidente da direcção do clube, sr. Antunes Reis.

Foi um «quinteto» que começou esse verdadeiro prodígio: Alfredo Malheiro, Paulo Costa, José de Carvalho Pereira, Fernando de Carvalho Pereira e Carmo Morais. Sentados a uma mesa do Café Viani, a ideia ocorreu e foi imediatamente posta em prática com o alungir do primeiro andar de um prédio da avenida Central, onde está instalada a Farmácia Martins. Como não havia campo, os treinos eram feitos no extinto Colégio do Espírito Santo. Vieram os primeiros jogos e os primeiros... dissabores. Mas o desânimo não assentou arraial. Uma assembleia geral extraordinária permitia a mudança da sede para o largo de S. João do Souto, e, ao mesmo tempo, nomeava uma comissão para resolver o grande óbice: o campo. Resolveram dirigir-se ao conhecido desportista Gaspar Simeiro, irmão do popular «48» do volante Vasco Simeiro, a fim de obterem um empréstimo para o terreno.

No dia seguinte ao pedido, Gaspar Simeiro foi já entrega, em nome de sua mãe, de um cheque de dois

BASKET-BALL

O problema das assistências

NA sua marcha acentuadamente progressiva, as actuais instalações dos campos de «basket-ball» mostram-se exigidas para acomodar o número cada vez maior dos seus simpatizantes.

Entre os utilizados no Porto, aquêle que poderia cumprir, em parte, no que respeita a lotação, seria o «Parque das Camélias», apresentado pelo Vasco da Gama como campo próprio. Passado em claro sobre o aspecto piso, que não é o assunto que pretendemos focar agora, entendemos que, com umas obras de adaptação, o «Parque das Camélias» tinha, para já, duas vantagens: a sua centralização e o espaço que rodeia o rectângulo nos lados leste e norte — naquele principalmente.

Serão possíveis essas obras? Está a empresa proprietária, ou o clube que o utiliza, em condições de as fazer? Não irão prejudicar a exploração de diversos atractivos de verão, como o cinema, «music-hall», etc.? Estas e outras interrogações dão-nos a indicação das dificuldades a resolver — se elas tiverem uma solução possível.

Naturalmente que, ao referir-nos a obras, não pretendemos — seria erro julgá-lo — nem queremos admitir a possibilidade de se alterar o conjunto do «Parque». É coisa cuja admissibilidade é posta à margem.

Bancadas desmontáveis? Plano inquirido de fácil remoção? Talvez. Uma coisa ou outra, porque não conhecemos processo diferente de resolver este mago caso. Duvidamos da sua realidade prática, por muitos motivos.

E, por isso, continua de pé o problema: Como dar às assistências, que já andam pela casa dos milhares, aquela comodidade elementar?

Dizem que se pensa levar os jogos para os campos de futebol. Discordamos — e não acreditamos.

O que é preciso — e o «basket» exige — é espaço para o público. A concorrência justifica o emprego de capitais.

É urgente meter mãos à obra, enquanto é tempo. Outra forma, os «edonets» são rareados, porque quem se sacrifica mille dúzias de vezes — pode não estar pelos ajustes «per omnia saecula»...

Semana a Semana

Refôrço do Boavista

Apesar de não ter terminado ainda a época de futebol, alguns dos nossos clubes estão já dedicando a sua atenção à temporada futura. Principiaram os «valistas» dos novos recrutados, dizendo-se que alguns são de valia. O Boavista tem assegurada, ao que se diz, a colaboração de um guarda-redes — Bebê, que veio do ultramar — e de um médico chamado Cruz.

O F. C. do Porto tem também garantida a presença de elementos novos.

Treinadores na disponibilidade

Ao que nos afirmam, Rui de Araújo abandona de facto o Sporting de Braga. Confirma-se, portanto, a noticia que demos há pouco tempo. Também Carlos Alves, o homem das luvas pretas, deixa o Farense. Um e outro, elementos de valor, serão aproveitados por clubes que precisam de entregar as suas turmas principais nas mãos de técnicos experimentados.

Homenagem

O clube do Lima vai prestar público testemunho de reconhecimento ao seu grupo de «hockey» em patins, campeão regional, com uma sessão solene, durante a qual se fará a imposição de medalhas. Também a equipa de juniores, finalista do campeonato regional de futebol, será alvo de igual prova de carinho, num banquete que vai ser-lhe oferecido.

Pelo «handball»...

A Associação de Handball do Porto teve, com o Porto-Lisboa há pouco tempo realizado, um prejuizo que anda à volta de três contos. Para uma modalidade de poucos recursos, é um golpe profundo nas finanças...

contos, sobre o Banco Ultramarino, como dádiva e para que o campo se fizesse. Arranjado o terreno no rua do Rato, as terraplanagens foram pagas pelos sócios e as bancadas feitas com madeira conseguida a crédito... e mais barato. As dedicações surgiram e dentro em pouco o Sporting de Braga começava a ser um valor no distrito.

Anos decorridos, verificou-se certo declínio. Clubes e esforçados elementos se uniram para que o clube não percesse.

Embora em situação deficitária, o Sporting Clube de Braga vai singrando, em recuperação lenta mas progressiva, conseguindo bons resultados, entre os quais sobressai o feito com o campeão nacional.

Confidamos agora os rapazes aos ensinamentos do conhecido guarda-redes Miguel Siska, que foi do F. C. Porto, alguma coisa têm já progredido, dando conjunto aos valores individuais do «onze» principal, ao qual faltava coordenação de esforços e sentido definido de jogo.

Neste momento, o S. C. Braga tem um grande desejo: voltar a conquistar o título de campeão do seu distrito. Vai, para isso, reunir um bom lote de jogadores da cidade e de fora.

Outras modalidades serão postas em prática, ou desenvolvidas, entre as quais o «basket». Mas tudo virá a seu tempo, desde que a secção de futebol consiga entrar no bom caminho...

ATLETISMO — No torneio do Benfica, Matos Fernandes ultrapassou 1^m,85 no salto em altura, tentando ainda 1^m,90 (para o record nacional), que faliou por milímetros. Noutras provas, saíram vencedores: Jorge Noronha, 1^m,60 em altura e 28^m,75 no disco; Artur Dias, 7 s. ²/₁₀ nos 60 metros, 32 s. ²/₁₀ nos 250 metros e 5^m,76 em comprimento; Raúl Dias, 1^m,59 s. nos 700 metros; Mário Reis, 11^m,12 no péso.

O Internacional promoveu também um torneio de propaganda, inter-sócios, com os vencedores seguintes: Carlos Vilhena, 9 s. ²/₁₀ em 80 metros; Francisco Correia, 1^m,60 em altura, 6^m,33 em comprimento e 12^m,48 no péso; Pinto Coelho, 3^m,10 na vara; Queiroz Lima, 42 metros no dardo.

CLUBES EM FESTA — Comemoraram aniversários: Sport Lisboa e Chelas (4.^o), Sport União Torreense (27.^o), Associação Naval de Lisboa (88.^o), Associação Naval 1.^o de Maio, da Figueira da Foz (51.^o), Unidos do Barreiro (6.^o) e Clube Naval de Cascais (6.^o).

FUTEBOL — Voltando a ganhar ao Desportivo dos Olivais, agora por 8-0, o Operário assegurou a sua permanência na II Divisão da A. F. L.

Nas partidas da antepenúltima jornada do torneio dotado com a taça «Artur José Pereira», verificaram-se os resultados seguintes: Benfica-Estoril-Praia, 3-0; Chelas-Atlético, 5-1; Sporting-Belenenses, 3-2; Unidos-Operário, 3-0. A derrota do Belenenses veio beneficiar o Benfica, já vencedor certo da prova.

Para apuramento do finalista do campeonato nacional corporativo de 2.^{as} categorias, zona de Lisboa, a Fábrica de Loíça de Sacavém venceu a Empresa Nacional de Aparelhamentos Eléctricos, por 3-1.

As Casas do Povo de Samora Correia e de Azinhaga disputaram o título de campeão corporativo do distrito de Santarém. O encontro efectuou-se no campo «Afonso de Albuquerque», em Lisboa, e os samoranos ganharam por 6-0.

Em continuação do torneio da taça «Eng.^o Duarte Pacheco», entre secções dos C. T. T., as equipas dos Serviços da Zona Norte e das Oficinas Gerais derrotaram, respectivamente, as da Contabilidade e da Circunscrição Técnica, por 7-1 e 1-0.

Outros torneios: Taça «Mundet»: Seixal-Amora, 2-0; Aldegalense-Unidos do Montijo, 1-1. Taça «Primavera»: União Sintense-Dramático de Cascais, 4-2; Palmense-Paredes, 7-1.

GIMNÁSTICA — No quartel da Avenida Presidente Wilson, e com a presidência do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da C. M. L., prestaram provas finais de aplicação desportiva os recrutas do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

HIPISMO — A última prova («S. H. P. — 1944») foi ganha por Ivens Ferraz, no «Bailarino», com 59 s. ¹/₅ e sem faltas.

NATAÇÃO — Principiaram os campeonatos universitários, cujas provas se efectuam na magnífica piscina do I. S. Técnico.

REMO — A Associação Naval promoveu, para comemorar os seus 88 anos de actividade desportiva, três regatas de ayoles de mer, ganhando duas; da outra saiu vencedora a tripulação dos Pupilos do Exército.

TENIS DE MESA — Ganhando os dois encontros de desempate (Combatentes 5-3; Sporting, 5-3), o Benfica está apurado campeão de Lisboa de 2.^{as} categorias.

Nas Caldas da Rainha, a selecção local venceu a de Évora por 5-0.

TIRO AO ALVO — Com 422 pontos, no máximo de 450, Real Lopes, do Sporting, candidatou-se favorito da prova «Cidade Invicta».

VELA — Filhos do Centro da «M. P.» disputaram, numa regata de «sharpies», a taça «Dr. Marcello Caetano».

VOLLEYBALL — Apuraram-se campeões da Ala 2 (Lisboa) da «Mocidade Portuguesa»: Liceu de Pedro Nunes, infantês; Liceu de Camões, vanguardistas e cadetes.

«STADIUM» CUSTA QUINZE TOSTÕES E VENDE-SE EM TÔDA A PARTE

Hockey em Campo

NESTE número da «Stadium», temos de fazer referência a várias aniversários de clubes: Unidos do Barreiro, com 5 anos; Sport Club Vianense, com 46; Sport Lisboa e Elvas, 10; Associação Naval de Lisboa, 88; e Associação Naval 1.º de Maio, 51. Trata-se de um grupo que abrange clubes com larga e brilhante folha de serviços ao desporto — e alguns dos mais populares em todo o país.

A todos, sinceramente, o nosso cartão de parabéns.

COMEÇOU, recentemente, o campeonato nacional de basket — e principiou bem, devemos acrescentar — com uma estrutura idêntica à do campeonato nacional de futebol, ou seja em «poule» e em duas séries.

O novo torneio está despertando um interesse e entusiasmo que são prova eloquente de duas coisas dignas de registo — a larga expansão do basket, e espírito de iniciativa dos seus dirigentes.

A «Taça de Portugal» está sendo valorizada pela boa exibição de algumas equipas da província e vai pondo em relevo as características do torneio, por contraste com o campeonato nacional, especialmente pela saída prematura de vários concorrentes. Entre os resultados obtidos, destacam-se, pelo seu significado como expressão de valor, a vitória do Futebol Clube do Porto contra o Sporting. Os campeões do Porto parecem ter vencido a sua crise dos últimos anos. A recuperação do seu valor e da sua boa forma é um incentivo para a luta e um motivo de brilhantismo e entusiasmo para os torneios em que entram.

ATÉ que ponto contribui a acção de um treinador para a boa exibição de uma equipa? É um problema que os clubes deviam pôr entre si, quando ganham, mas de que geralmente só se lembram quando começam a perder...

ABRE no próximo domingo a nova época de natação. É uma temporada que está despertando muito interesse — e que pode oferecer grandes surpresas. Os dois núcleos já em actividade são os de Algés e do Estoril. Enquanto o primeiro procura defender uma tradição brilhantíssima, o segundo procura assegurar o seu lugar com valor. O trabalho dos dois núcleos promete uma luta com entusiasmo — nas provas entre clubes.

AS estatísticas tem sempre um interesse especial. São sempre curiosas. O nosso prezado colega Cunha e Silva publica, num dos últimos números do «Sport Lisboa e Benfica», excelente semanário do popular clube, uma estatística que abrange os dez anos do campeonato que, começando por ser das Ligas, passou a ser de Portugal. Uma das conclusões é digna de registo: Albino, o valoroso médio centro do Benfica, disputou 155 dos 160 desafios jogados pelo seu clube. E no último torneio fez ainda 16 dos 18 jogos. É um exemplo magnífico de dedicação — e valor.

OS desportos náuticos continuam a merecer a simpatia da «Mocidade Portuguesa». Em Lisboa disputaram-se os campeonatos universitários de vela. Em Aveiro, inauguraram-se as instalações para remo e vela, constando das festas da inauguração algumas provas entre equipas de Aveiro e da Murtoza, dois núcleos de gente afeita às lides do mar.

FOI absolutamente justa a homenagem prestada à memória do Conde de Penha Garcia. Era um dos grandes nomes do desporto nacional, nas relações com o estrangeiro. Soube ser sempre «gentleman» — nas atitudes, nas palavras e na forma superior como compreendia o desporto.

PROSSEGUIU, com interesse idêntico ao das jornadas anteriores, o campeonato lisboense — que nesta «saída» tinha dois jogos de real curiosidade, pois do seu desfecho podia haver uma indicação no que respeita ao futuro vencedor do torneio: mas somente o Hockey deu essa indicação, vencendo o Belemnense, nas Salésias, por 5-1; quanto ao Futebol Benfica, voltou a empatar (e de novo por 0-0) fora de casa, o que abona pouco das qualidades construtivas dos campeões nesta prova. É certo que os visitantes podiam ter ganho, se, a três minutos do final, uma «visão» de infelicidade lhes não tirasse o tento do triunfo; mas o desporto tem, por vezes, destas contrariedades... O Hockey, sim, portou-se briosamente — e não descansou enquanto não garantiu a vitória de que tanto carecia para enfrentar mais sossegado a continuação da luta. Quere-nos parecer que o apuramento de Lisboa para a «Taça de Portugal» — torneio equivalente ao campeonato nacional da modalidade — vai ser uma «coisa séria» entre o triunvirato constituído pelos dois Benficas e pelo Hockey... E pode até suceder que, desta feita, os campeões «crónicos» (seis anos seguidos de vitória) não consigam levar a melhor sobre os seus velhos rivais, porque tanto o Benfica como o Hockey têm possibilidades de os destronar do pedestal a que se alcançaram por mérito próprio.

— Projecta-se segunda edição do Lisboa-Macistaus, um encontro que teve completo agrado em 1943. E também se pensa — se houver tempo — em repôr a competição Lisboa-Porto. São iniciativas merecedoras de bom acolhimento e que contribuiriam para melhor propaganda de tão interessante desporto. Por nossa parte, dar-lhes-emos toda a publicidade possível.

Hockey em Patins

Está finalmente criada a Associação de Patinação do Sul — novo organismo orientador da modalidade em Lisboa e arredores, missão que antes cumpria a Federação Portuguesa de Patinação, agora com outras funções. Na primeira

assembléa geral, celebrada há dias no Ateneu Comercial, elegeram-se os corpos gerentes, na maioria individualidades conhecidas. São eles: Noronha Penaguião, Pereira de Castro, Aires Caeiro, Ghira de Lima, Vasques Lopes, Simões Silva e Delgado Garção, directores; Lobo de Sousa, Matos e Silva, Campos Viana José Cabrita e H. M. Simões, conselheiros técnicos; J. A. Martins, João da Cruz, Felipe Moreira, J. A. Pêrcheiro e Fonseca Ribeiro, conselheiros fiscais; Vicente Padrão, Reis Negrão e Horácio Pina, da Assembléa Geral.

— O Instituto Superior Técnico (John Norten, Paulo Jalles, Nuno Maia, José Seguro e Júlio Camêlo) voltou a ganhar o campeonato universitário. Três vitórias, uma delas por abandono da Faculdade de Ciências; mas nos dois jogos disputados os futuros engenheiros marcaram 14-1 à Faculdade de Medicina e 4-1 ao Instituto Superior de Agronomia.

Patinação

Alfredo de Sousa, um antigo campeão ciclista do Sporting, tem, na Rua de Pascoal de Melo, um «rink» denominado «Lisboa-Imperio». Fêz-lhe agora vários melhoramentos, reformando o piso e pondo-lhe uma cobertura inteiramente nova. E reabriu-o com uma festa interessantíssima. Nela tomaram parte as gentis patinadoras Gina Campos (do Campo de Ourique) e Quina Baptista (do Lisgás), os lutadores do Lisboa Gimnásio, Orlando Afonso e Lima de Figueiredo, o actor-imitador Humberto Madeira, Quim de Sousa e José Pessoa, um cantor da «rádio». Antes, porém, fizeram-se alguns discursos de circunstância: de saudação e homenagem a Alfredo de Sousa, e de enaltecimento pela sua obra, tanto mais valiosa quanto é certo tratar-se de uma iniciativa de carácter particular — que bem merece o aplauso da toda a gente bem intencionada.

— Está em vias de conclusão o «rink» de Jaime Gonçalves (outro sportinguista...) — como também devem inaugurar-se brevemente os recintos de Estremoz e das Caldas da Rainha, sintoma de que a patinação ganha adeptos.

MÁRIO DE CASTRO

DE LUTO

D. MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES ROSA

Faleceu na passada semana, em Nelas, a sr.ª D. Maria da Conceição Tavares Rosa, mãe do sr. tenente-coronel João do Sacramento Monteiro, actual director geral de Educação Física e Desportos.

A família enlutada, e em especial ao sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, apresentamos os nossos sentidos pésames.

MENINA MARIA DE LOURDES NUNES SEQUEIRA NOGUEIRA LEITE

Faleceu a menina Maria de Lourdes Nunes Sequeira Nogueira Leite, extrema filha da sr.ª D. Maria Nunes Sequeira Nogueira Leite e do nosso querido amigo António Nogueira Leite, chefe dos serviços sociais das C. R. Gás e Electricidade e conhecido dirigente do Grupo Desportivo Lisgás.

Sentindo a profunda dor dos seus desolados pais, apresentamos-lhes as nossas sinceras condolências.

ANTÓNIO GASPAS DOS SANTOS

No momento em que fechamos a paginação da nossa Revista chega-nos a infausta notícia da trágica morte de António Gaspar dos Santos, ocorrida na Praia das Maçãs, na manhã de segunda-feira.

O extinto, aplicado estudante da Faculdade de Medicina, era filho do nosso prezado amigo Adelino dos Santos, proprietário da Gráfica Santelmo, onde é composta a «Stadium», e antigo director do Casa Pia A. C.

Acompanhamos Adelino dos Santos no seu imenso desgosto, com a sentida expressão dos nossos pésames.

FALTA DE ESPAÇO

A enorme falta de espaço que asseberba a nossa Revista força-nos a retirar original já composto, entre o qual as secções de esgrima, box, xadrez e bibliografia.

Do facto pedimos desculpa aos nossos estimados leitores e colaboradores.

**A PRONTO
E A PRESTAÇÕES**



Candelários de mesa e teto // Fogões a gás
Artigos para casa de banho e para Electricidade

ELECTRO-GLÓRIA, LTD.
Telefone 2 4050 Rua da Glória, 20-A

ANO XII — Lisboa, 3 de Maio de 1944 — II SÉRIE-N.º 74

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A DISPUTA DA "TAÇA DE PORTUGAL"

F. C. PORTO-ESTORIL PRAIA: 1 — Oportuna saída de Valongo; 2 — Bernardo, que substituiu Barrigana nas redes portuenses, defende a sóco; 3 — Correia Dias dispara um dos seus mais fortes remates. UNIÃO DE COIMBRA-VITÓRIA DE GUIMARÃES: 4 e 5 — Duas fases do jogo efectuado no campo da Arregaça



Stadium